

A violência social em contos de Rubem Fonseca

The social violence in short stories of Rubem Fonseca

Jéssica Beatriz de Almeida

Universidade Federal do Paraná

Moacir Dalla Palma

Universidade Federal do Paraná

Resumo: O presente artigo propõe analisar como se dá a representação da violência social nos contos “Onze de Maio” e “Anjos das Marqueses” de Rubem Fonseca, o qual é um dos maiores escritores brasileiros a versar sobre violência e vozes marginalizadas. Para tal, buscou-se analisar a relação entre violência e literatura, além de discutir questões referentes às representações sociais acerca de indivíduos marginalizados no Brasil. Ao se observar a violência tão presente na sociedade brasileira, torna-se importante analisar como ela tem sido representada na literatura, a qual pode, através da desautomatização da percepção, levar a uma reflexão sobre o estado atual.

Palavras-chave: Violência. Literatura. Fonseca. Marginalizados.

Abstract: This article proposes to analyze how the representation of social violence occurs in the short stories “Onze de Maio” and “Anjos das Marqueses” by Rubem Fonseca, who is one of the greatest Brazilian writers to portray violence and marginalized voices. To this end, it was sought to analyze the relationship between violence and literature, in addition to discussing issues regarding social representations about marginalized individuals in Brazil. When observing the violence so present in Brazilian society, it is important to analyze how it has been represented in the literature, which can, through the deautomatization of perception, lead to a reflection on the current state.

Keywords: Violence. Literature. Fonseca. Marginalized.

“Silenciar a arte como forma de resposta à violência é dar a esta todas as possibilidades de realizar-se, é escolher o caminho da morte.”

Ronaldo Lima Lins

1. Introdução

“À flor da pele e ao fundo da alma”, assim define Dadoun (1998, p. 43) a violência no cotidiano. Crimes, balas perdidas, discurso de ódio - tudo isto parece intrinsecamente ligado à vida cotidiana de milhões de brasileiros, sejam estes recebendo tal violência, sejam praticando-a, ou, simplesmente, comentando sobre ela.

Diante deste cenário, vários estudiosos, oriundos de áreas diversas, debruçaram-se sobre o tema da violência, tentando entendê-la. Na literatura, o mesmo aconteceu. Contudo, a literatura não é como a Sociologia, a Psicologia, ou a Antropologia. A literatura pertence à esfera artística, e como tal, representa o homem de forma singular. A boa obra literária potencializa uma reflexão sobre a violência, pois desautomatiza sua percepção e a singulariza, promovendo, assim, um choque no leitor, o qual é tirado de sua “zona de conforto”. Deste modo, o tema passa a incomodá-lo, gerando uma reflexão sobre o assunto.

Visto isso, é interessante ressaltar que a violência tornou-se um tema fundamental para os escritores brasileiros contemporâneos. Pellegrini (2008, p. 44) comenta que esta nova escrita “caracteriza-se acima de tudo pela descrição da violência entre bandidos, delinquentes, policiais corruptos, mendigos, prostitutas, todos habitantes do “baixo mundo”.

É justamente neste contexto que surge o escritor Rubem Fonseca, sendo considerado um dos maiores expoentes do chamado “realismo feroz”. Fonseca torna-se, então, de extrema importância para este estudo, uma vez que é recorrente aparecer em seus contos as vozes dos indivíduos marginalizados.

Diante disso, foram escolhidos dois contos de Fonseca para análise: “Onze de Maio”, presente na coletânea *O Cobrador*, publicado originalmente em 1979, e “Anjos das Marquises”, publicado no livro *A Confraria dos Espadas*, de 1998. Apesar do distanciamento temporal das duas obras, ambas abordam a questão da violência social contra os marginalizados e parecem, ainda, dialogar com a atual situação brasileira.

Na seção “Violência e Literatura” serão exploradas algumas definições de violência feitas por estudiosos do assunto, assim como será discutida a singularidade da linguagem literária. Então, será traçada

Jéssica Beatriz
de Almeida

Moacir Dalla
Palma

278

uma ligação entre a violência e sua representação na literatura, destacando as contribuições dos contos de Rubem Fonseca nesse meio. Em seguida, na seção intitulada “Representações sociais”, será discutido acerca das representações sociais envolvendo idosos e pessoas em condição de rua na sociedade brasileira contemporânea. Por último, na seção intitulada “A violência social em contos de Rubem Fonseca”, será feita uma análise dos contos “Onze de Maio” e “Anjos das Marquises”, a fim de observar como se dá a representação da violência social nestes contos.

2. Violência e Literatura

Muito se comenta, no dia-a-dia, sobre a violência. Crimes, assassinatos, roubos, exploração, discurso de ódio, tudo se faz muito presente na vida cotidiana do cidadão brasileiro comum. Os meios de comunicação e as redes sociais contribuem para uma propagação frenética de informações sobre violência. Além disso, este tema parece ser discutido em diversos âmbitos da esfera social, desde um debate em salas da Universidade, ou até mesmo em um almoço de domingo em família.

Diversos estudiosos, como René Girard e Roger Dadoun, debruçam-se sobre este tema, desenvolvendo teorias e estudos que corroboram para a ideia de que a história da humanidade é permeada, em todos os seus níveis, pela violência. Girard, por exemplo, realiza um amplo estudo acerca da relação entre a violência e o sagrado. Dadoun, por sua vez, afirma que uma das características primordiais do ser humano é a violência, e passa a denominá-lo de *homo violens*. Segundo o filósofo, o *homo violens* “é o ser humano definido, estruturado, intrínseca e fundamentalmente pela violência” (DADOUN, 1998, p. 8).

Dadoun (1998) entende por violência todo sinal extremo, ou de algum modo excessivo, que implique em alguma pressão ou coação. O autor exemplifica, em seu livro, várias formas de violência, desde a gênese bíblica, até o holocausto judeu. Entendido como “sinal extremo”, o filósofo também discorre acerca da violência presente no tempo, na morte, no nascimento, dentre outros elementos. Todo seu estudo aponta para a afirmação de que o ser humano é, essencialmente, violento, concluindo que “crimes, massacres, genocídios, assim como angústias e terrores sem fim – nada do que há de pior na violência é estranho ao homem” (DADOUN, 1998, p. 101).

Jéssica Beatriz
de Almeida

Moacir Dalla
Palma

280

Outro estudioso que aborda o tema da violência é Ronaldo Lima Lins, em seu livro *Violência e Literatura*. No prefácio desta obra, Jacques Leenhardt (1990, p. 13) ressalta que “a violência constitui uma noção incerta, infalivelmente ligada ao ponto de vista de quem fala”. Desta forma, a título de exemplo, o que alguns chamariam de “manutenção da ordem”, outros poderiam chamar de “manifestação de legítima violência”. Para Leenhardt (1990, p. 15), “todo discurso sobre a violência é dela necessariamente uma *representação* e não uma *descrição*, mostrando-se, por essência, da ordem da ficção”. É nesse sentido que o pensador estabelece uma íntima relação entre violência e literatura.

Por sua vez, Tânia Pellegrini (2008, p. 42) define a violência como “o uso da força para causar constrangimento ou dano físico, psicológico ou moral a outra pessoa”. Tal acepção de violência é a assumida pelo presente estudo.

Voltando agora o olhar para a literatura, esta constitui um campo artístico fértil, no qual o homem, ser de tão difícil entendimento, pode ser representando, suscitando uma reflexão acerca de suas mazelas e/ou virtudes. Lins (1990, p. 49) discorre que “na arte, como em nenhum outro veículo de expressão, o homem encontra, hoje como ontem, o retrato de si mesmo, com as emoções e o sofrimento de sua existência, aparentemente esquecidos pelas telas da TV”.

A boa obra literária potencializa uma reflexão sobre a realidade, pois singulariza seu objeto de reflexão, dispondo de uma linguagem que foge ao automatismo cotidiano. Nas palavras de Dalla Palma:

A linguagem poética, então, se caracteriza pela ênfase na desautomatização da percepção que estaria como que adormecida pelo hábito e pelo pragmatismo que caracterizam a linguagem cotidiana. Portanto, o discurso literário se caracterizaria pelo desvio da linguagem cotidiana, sendo que esta ênfase na desautomatização da percepção se dá pelo “procedimento de singularização dos objetos”, cuja função é oferecer novas informações sobre temas e objetos que integram a experiência cotidiana, que, no entanto, se encontram neutralizados pelo automatismo da percepção. (DALLA PALMA, 2007, p. 70-71)

Isto posto, a literatura destaca-se e diferencia-se de outras atividades, como a jornalística ou a filosófica, por representar uma realidade com uma singularidade ímpar, desautomatizando a percepção dos

elementos e causando estranhamento no leitor, o qual começa a refletir sobre o tema a partir desta especificidade artística da literatura. Nesse sentido, a abordagem da violência pela literatura torna-se um ponto interessante a se destacar. Se a violência, tão presente nos meios de comunicação de massa, já não incomoda mais tanto o cidadão, pois tal violência já se encontra naturalizada na sociedade, quando a mesma é tratada pela literatura, o leitor presencia um choque de percepção. O tema passa a incomodar, pois o leitor foi tirado de sua “zona de conforto”, constituindo, assim, uma espécie de violência contra o próprio leitor.

Visto todas estas potencialidades, a violência constitui um tema caríssimo aos escritores brasileiros contemporâneos. Pellegrini explica que

É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, interfere também na experiência criativa e nas expressões simbólicas, aliás, como acontece, com características particulares, na maior parte das culturas de extração colonial. Nesse sentido, a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia: a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras... Todos esses temas estão divididos, grosso modo, na já clássica nomenclatura *literatura urbana* e *literatura regional*, podendo-se dizer que, ao longo da lenta e gradativa transformação da estrutura socioeconômica e demográfica do país, o desenvolvimento da literatura sempre buscou uma expressão adequada à complexidade de uma experiência que, nesse sentido, evoluiu tendo como pano de fundo a violência. (PELLEGRINI, 2008, p. 42)

Vidal (2000, p. 13) menciona que “o conto brasileiro passou por uma grande proliferação nos anos de 60 e 70”. O autor também acrescenta que “a solidão da grande cidade transformou-se em matéria-prima para a quase totalidade dos contistas” (p. 13). Pode-se acrescentar que,

não só a solidão dos grandes centros urbanos passou a servir de tema para os contistas, como também o sentimento de vazio, as relações individualizadas, a indústria do consumo e, como não poderia faltar, a violência, a qual está, segundo Pellegrini (2008), arraigada, de forma “constitutiva”, em nossa história como nação. Ainda segundo Pellegrini:

Jéssica Beatriz
de Almeida

Moacir Dalla
Palma

282

Não há como negar que a violência assume o papel de protagonista destacada da ficção brasileira urbana, a partir dos anos 60 do século XX, principalmente durante a ditadura militar, traduzindo a introdução do país no circuito do capitalismo avançado. A industrialização crescente desses anos vai - em última instância - dar força à literatura centrada na vida das grandes cidades, que incham e se deterioram; daí a ênfase em todos os problemas sociais e existenciais decorrentes, entre eles a ascensão da violência a níveis insuportáveis. (PELLEGRINI, 2008, p. 44)

A industrialização brasileira levou a um aumento bastante significativo do contingente populacional nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Tal fato levou, inevitavelmente, a uma multiplicação não só dos problemas sociais, como também dos existenciais. Em outras palavras, não só a violência, e junto dela o crime e a desigualdade social, aumentaram exorbitantemente, como também o sentimento de solidão e de vazio do indivíduo.

A contemporaneidade, portanto, é marcada pela sociedade de consumo que, instigando a impulsividade dos indivíduos, faz com que estes busquem prazeres rápidos e, conseqüentemente, efêmeros. Alguns conseguem lidar com esta situação, desviando suas vontades para outras atividades. Outros, por sua vez, canalizam seus impulsos mais primitivos em direção à violência.

É justamente em meio a este contexto de proliferação do conto brasileiro e dos grandes problemas sociais e existenciais que surge o escritor Rubem Fonseca, com a publicação, em 1963, da antologia de contos *Os prisioneiros*. Tal publicação, segundo Schollhammer, deixaria sua influência mais marcante na literatura urbana brasileira. O autor comenta que:

Com este livro, Fonseca promove uma prosa denominada por Alfredo Bosi de “brutalismo”, caracterizada pelas descrições e recriações da violência social, entre bandidos, prostitutas,

leões-de-chácara, policiais corruptos e mendigos. Sem abrir mão do compromisso literário, Fonseca cria um estilo próprio – enxuto, direto, comunicativo –, com temáticas do submundo carioca, no qual o escritor se apropriava não só das histórias e tragédias cotidianas, mas também de uma linguagem coloquial que resultava em uma inovação para o seu “realismo marginal”. (Schollhammer, 2008, p. 63)

Rubem Fonseca ganha grande destaque entre os escritores contemporâneos ao tratar da violência, abordando, na maior parte dos casos, a violência presente na cidade “maravilhosa”. Segundo Figueiredo, a cidade torna-se um cenário privilegiado em sua obra, pois, além de ser lugar onde muitos crimes acontecem, também é o onde circulam várias versões sobre um mesmo acontecimento, tornando “inócua qualquer tentativa de conhecimento da realidade” (2003, p. 29). Em relação à cidade, Bauman (2009, p. 96) já dizia que “a guerra contra a insegurança, os perigos, e os riscos agora estão *dentro* da cidade, onde se definem os limites dos campos de batalha e se traçam as linhas entre as frentes”.

Fonseca consegue representar em sua obra as mazelas, angústias, solidão, vazio e obsessões do homem contemporâneo. Figueiredo (2003, p. 20) aponta que, desde os mais antigos até os mais recentes livros do autor, o homem, em suas diferentes manifestações, é “prisioneiro de valores esvaziados, condenado a uma busca inútil, o eterno personagem de Rubem Fonseca”.

Vidal também contribui para esta discussão, reconhecendo que os personagens de Rubem Fonseca, “percorrendo favelas, subúrbios, avenidas e mansões [...] praticam e sofrem as relações de uma nova situação brasileira e, no caso, especificamente carioca, terminando por flagrar a mudança de comportamento de nossa vida social” (2000, p. 14-15). Nova situação esta permeada pelos elementos já citados de individualização, de incentivo ao consumo e, ao que mais interessa a este trabalho, de violência.

Rubem Fonseca, sendo um dos maiores expoentes do chamado “realismo feroz”, torna-se importante para este estudo, uma vez que em seus contos aparecem vozes marginalizadas:

Ele já apontava para a construção de um novo mundo urbano como objeto ficcional, pois, representando uma realidade ina-

ceitável do ponto de vista ético ou político, permitia, de alguma maneira, a reflexão sobre ela e a emergência mediada de vozes abafadas culturalmente. (PELLEGRINI, 2008, p. 45)

Jéssica Beatriz
de Almeida

Moacir Dalla
Palma

284

O contista não somente trata daqueles indivíduos excluídos da sociedade, pobres ou indefesos, mas também retrata personagens de classe média ou alta que desejam transgredir a ordem. Segundo Vidal (2000, p. 16), seu personagem “está sempre marginalizado; e, quando não, há uma opção consciente pela marginalidade”. O autor também acrescenta que estes personagens que optam pela marginalidade, “mesmo que levem uma vida que se poderia chamar de rotineira, de uma forma ou de outra, buscam transgredi-la” (p. 17).

Uma das características da obra de Fonseca é a presença de personagem assassinos ou com alguma espécie de demonstração violenta, sendo estes, muitas vezes, os próprios narradores de suas histórias. Contudo, alguns contos destoam deste perfil característico, dentre eles estão os contos propostos neste estudo: “Onze de Maio”, da coletânea *O Cobrador*, publicado originalmente em 1979; e “Anjos das Marquises”, publicado no livro *A Confraria dos Espadas*, de 1998. Apesar do distanciamento da data de publicação das duas obras, ambas abordam a questão da violência social contra os marginalizados.

Todavia, antes de partir para uma análise da representação da violência social nos contos supracitados, torna-se de grande importância entender como são as representações sociais acerca dos idosos e das pessoas em condição de rua na sociedade brasileira contemporânea.

3. Representações Sociais

Segundo um estudo feito por Araújo, Coutinho e Carvalho (2005), intitulado “Representações Sociais da Velhice entre Idosos que Participam de Grupos de Convivência”, do qual 100 idosos participaram de um Teste de Associação Livre de Palavras, pôde-se notar que muitos dos participantes associaram a velhice a palavras como “discriminação” e “morte”. Segundo os autores, “essas representações coadunam-se com o paradigma dominante em nossa cultura, que representa a velhice de forma negativa, sendo, em geral, alvo de preconceitos e discriminação.” (ARAÚJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005, p. 126).

Ademais, Neri (1993 *apud* ARAÚJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005, p. 126) “ressalta que o desconhecimento do que significa ser velho induz a

práticas com foco ideológico, que contribuem para a manutenção e a propagação de mitos, estereótipos negativos e preconceitos acerca da velhice.”

Ainda de acordo com este estudo, muitos idosos queixaram-se de ser excluídos das decisões familiares, corroborando para uma ideia de que estes indivíduos não possuem uma autonomia suficiente para desempenhar tarefas mais complexas. Isto contribui para que tais indivíduos vivenciem um sentimento de “desvalorização, isolamento, depressão e auto-imagem negativa” (ARAÚJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005, p. 128). É interessante ressaltar que tais representações foram expressas pelos próprios idosos participantes de grupos de convivência, mostrando que as representações sociais, construídas nos processos de interação social, levam as próprias vítimas a internalizar tais conceitos.

Já em relação à violência exercida contra pessoas em situação de rua, foi verificado o texto “Quem vocês pensam que (elas) são? – representações sobre as pessoas em situação de rua”, de Ricardo M. Mattos e Ricardo F. Ferreira. Os autores discutem a tipificação destas pessoas em situações de rua como “sujas”, “loucas”, “vagabundas”, “perigosas” e “coitadas”. Tais representações acabariam por legitimar a violência que elas sofrem. Nas palavras dos autores: “O conjunto destas tipificações suscita nos cidadãos domiciliados ações que trafegam no extremo da total indiferença chegando até à repulsa e à violência física.” (MATTOS; FERREIRA, 2004, p. 51).

Estas representações sociais pejorativas se materializam nas relações sociais, influenciando, ainda, na identidade de tais indivíduos, que passam a se ver através destas representações impostas. Segundo os autores, “diversos estudos e os próprios depoimentos de pessoas em situação de rua apontam que há uma apropriação das representações sociais a elas atribuídas e, através delas, dão sentido às suas identidades e às condições sociais a que estão submetidas” (MATTOS; FERREIRA, 2004, p. 52).

Observa-se isso muito bem retratado nos versos da música intitulada “Resto do Mundo”, do *rapper* Gabriel O Pensador, o qual tenta representar como estas pessoas acabam se enxergando, por influência de uma sociedade que os rotula como “indigentes”:

Eu sou o resto
O resto do mundo
Eu sou mendigo, um indigente, um indigesto, um vagabundo
Eu sou... Eu não sou ninguém (PENSADOR, 1993)

Os autores deste estudo fazem um comentário muito interessante acerca do tratamento dado às pessoas em situação de rua:

O contato corriqueiro com pessoas em situação de rua, que no início gerava espanto e indignação, vai gradualmente levando a uma dessensibilização para com suas mazelas, mesmo que involuntariamente, já que não mais reparamos suas presenças. Trata-se da disseminação da indiferença que denota uma “naturalização” do fenômeno pelos indivíduos sedentários” (MATOS; FERREIRA, 2004, p. 51).

Jéssica Beatriz
de Almeida

Moacir Dalla
Palma

286

Nesse sentido, voltando à questão inicial da violência, Dalcastagnè (2008) elabora uma fala bastante intrigante, relacionando a violência ao Outro:

a violência, física ou simbólica, costuma intermediar nossa relação com o outro, destituindo-lhe a humanidade e afastando-o sempre mais de nossa existência. Esse estranho, então, é construído à distância, mais por meio daquilo que dele imaginamos do que pelo que vemos. (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 9)

Como dito no início, a violência passa a ser tão presente na sociedade, tão “naturalizada”, que as pessoas acabam por não se sensibilizarem com as mazelas dos Outros. Elas se tornam indiferentes e alguns, infelizmente, trafegam da violência simbólica para a violência física, justificando seus atos através das representações que existem na sociedade acerca destes grupos de pessoas. Como pontuou Dadoun (1998, p. 65-66): “não apenas toda violência é violência do outro, mas é o outro, como tal, que é violência: pelo simples fato de ser ele outro, pelo simples fato de ele estar presente, pelo simples fato de ele ser”.

4. A violência social em contos de Rubem Fonseca

Passa-se agora à análise dos contos “Onze de Maio” e “Anjos das Marquises”, de Rubem Fonseca, a fim de perceber como se dá a representação da violência social contra os grupos marginalizados.

Em “Onze de Maio”, obra escrita durante o regime militar brasileiro, a narrativa é contada pela perspectiva do narrador/personagem José, um professor de história aposentado que começa a perceber um

sistema violento dentro do lar de idosos Onze de Maio, no qual impera a degradação, o abandono e a privação dos direitos. Aos poucos José torna-se ciente de sua situação, culminando em uma espécie de motim, ao qual se juntam Pharoux e Cortines.

Cabe ressaltar que esta obra foi produzida em plena ditadura militar e que vários elementos do conto podem revelar um paralelo com a realidade da época. A constante vigilância, a censura velada de “zelo pelo bem-estar” e a alienação são características bastante presentes. Em relação à vigilância, os internos do Lar Onze de Maio habitam cubículos sem portas, porém há uma ostensiva vigilância por parte dos Irmãos (funcionários do Lar), evitando que os idosos deixem seus cômodos. Os Irmãos também evitam que ocorra um diálogo entre os internos, censurando aqueles que pegam conversando, como José e Pharoux.

Além disso, a alienação através dos meios de comunicação de massa, especificamente a televisão, é alvo de várias críticas no decorrer da narrativa. A televisão fica ligada o dia inteiro, com programas transmitidos de um circuito fechado de dentro do Lar. Os internos são condicionados a obedecerem ao Regulamento, assistir televisão, não trocarem ideias entre si e aceitar todo tipo de humilhação e degradação, com o risco de sofrer punições caso façam o contrário.

Segundo Dalla Palma (2011), a instituição logo torna-se reguladora da vida dos internos, privando-os de um de seus maiores direitos: a liberdade. Trata-se, então, de uma “violência institucionalizada” contra estes indivíduos.

O foco narrativo acompanha a perspectiva de José, o qual transita de um estado de condicionamento e aceitação para um estado de consciência e revolta. De início, José acredita que “um velho inerte, preguiçoso e entediado só pode abrir a boca para bocejar” (FONSECA, 1997, p. 118). Assim como visto na seção anterior, José acaba por aceitar essa identidade construída diante das representações sociais que existem sobre a velhice. Contudo, no decorrer da narrativa, o professor de história aposentado começa a perceber um sistema abusivo dentro do Lar, chegando a cogitar a possibilidade de atitudes perversas por parte dos funcionários, como o envenenamento e até mesmo o assassinato de internos ainda vivos. Tal consciência também é experimentada por seus colegas Pharoux e Cortines, os quais se aliam a José para realizar um motim.

Jéssica Beatriz
de Almeida

Moacir Dalla
Palma

288

Estas personagens revoltam-se contra as humilhações e opressões que sofrem no Lar. José comenta que “o ser humano necessita de segurança, dignidade, bem-estar e respeito” (FONSECA, 1997, p. 130), porém, revela que no Lar só existe degradação e miséria. Logo, ele reivindica para si, e para seus colegas, o título de “ser humano”, e não de “velho” condicionado socialmente. Acerca desta ideia, José tece um comentário surpreendente:

É assim o meu corpo, mas não sou mais o chorão envergonhado, amedrontado e triste, cujo maior desejo na vida era comer um bombom de chocolate. Aquele ser velho me foi imposto por uma sociedade corrupta e feroz, por um sistema iníquo que força milhões de seres humanos a uma vida parasitária, marginal e miserável. Recuso esse suplício monstruoso. Esperarei a morte de maneira mais digna. (FONSECA, 1997, p. 134).

Se por um lado José e seus aliados lutam por uma vida mais humana e digna, reivindicando direitos básicos, o discurso do Diretor vai totalmente na contramão. Ele, como provavelmente também os Irmãos, compartilha das representações sociais pejorativas acerca dos idosos, vendo-os como fardos, pessoas sem autonomia e improdutivas. É interessante o discurso proferido pelo Diretor do Lar, ao ser confrontado por José, quando este diz que os internos estão morrendo de fome e tristeza:

Fome? Fique sabendo que a nação gasta uma parte substancial de seus recursos com inativos idosos. Se quiséssemos manter todos os aposentados bem alimentados e felizes, através de custosos programas de medicina preventiva, de terapia ocupacional, de recreação e de lazer, todos os recursos do país seriam consumidos nessa tarefa. O senhor não sabe que o país atravessa uma crise econômica das mais graves em toda a história? Já fomos um país de jovens e aos poucos estamos nos tornando um país de velhos. (FONSECA, 1997, p. 128)

Em outra fala do Diretor, este diz: “O senhor acha que os aposentados devem comer melhor do que aqueles que produzem? Não acha, é claro.” (FONSECA, 1997, p. 121). Neste ponto, percebe-se uma enorme discriminação em relação ao idoso por parte do Diretor, os vendo como

peças improdutivas, logo, descartáveis. Fica implícito que os jovens, aqueles que produzem, que são “úteis”, são os indivíduos necessários para a sociedade da época. Toda a trajetória, contribuição e humanidade destes idosos é, conseqüentemente, jogada fora, esquecida.

Portanto, temos duas visões diferentes: a do José e a do Diretor. Este, vendo os idosos como seres dispensáveis e irrelevantes, e a de José, o qual reivindica os direitos básicos de um ser humano para os idosos. A partir desse embate de ideias, muito bem construído, o leitor pode chegar a reflexões muito importantes e necessárias acerca desta questão. Vale destacar que a visão privilegiada neste conto é a de José, uma vez que a história é contada através de seus olhos.

Já em “Anjos das Marquises”, escrito na terceira pessoa do discurso, tem-se a história de Paiva, um homem, provavelmente de classe média, aposentado, que está procurando algo para preencher sua vida, uma vez que não possui filhos e sua mulher acabara de falecer. Certo dia ele vê um grupo de pessoas aparentemente ajudando um morador de rua sob uma marquise, logo decide se juntar ao grupo. Ao final, descobre-se, ao mesmo tempo que Paiva, que o grupo, na verdade, recolhia estes indivíduos das ruas para matá-los e tirar seus órgãos para vender, e acabam por fazer isto também com o próprio Paiva.

Primeiramente, algo a se observar neste conto são algumas características do “homem contemporâneo”, representado na figura do Paiva. Ele “trabalhou sem parar” (FONSECA, 2004, p. 21), durante trinta anos, além disso, ao que parece, ele não era um homem dado a momentos de lazer, pois “não gostava de ler nem de ver filmes, nunca se acostumara com isso” (FONSECA, 2004, p. 22). Paiva também não possui amigos, apenas colegas de trabalho, os quais não desejava visitar. Pode-se, portanto, perceber alguns traços do homem contemporâneo em Paiva. Ele é individualizado, não possui amizades, sendo seu único laço a falecida mulher. Após a morte desta, sente-se triste, vazio, “solitário e sem planos para o futuro” (FONSECA, 2004, p. 21). Nota-se também sua extrema dedicação ao trabalho, o que, provavelmente, o impediu de reservar tempo para momentos de lazer.

Em relação ao texto, este oferece algumas “pistas” ao leitor do que está por vir. Em uma primeira leitura desatenta, tais pistas podem passar despercebidas ou sem importância. A “habilidade” com que os anjos das marquises conduziram o corpo do morador de rua, demonstra que eles já haviam feito aquela ação outras vezes. Também, os anjos não

Jéssica Beatriz
de Almeida

Moacir Dalla
Palma

290

disseram o nome da “organização particular” (FONSECA, 2004, p. 24) da qual faziam parte, além de que só agiam durante a noite. Quando Paiva diz “eu moro sozinho, minha mulher morreu, não tenho parentes, estou totalmente disponível para colaborar com vocês. Seriam como uma nova família para mim” (FONSECA, 2004, p. 15), ele está entregando toda informação necessária de si para os criminosos, os quais reagem com um sorriso. Ao final, mais duas pistas são dadas: a ambulância que utilizavam não possuía nenhuma identificação e, no local onde os moradores de rua seriam supostamente ajudados, há um motoqueiro impaciente esperando alguma encomenda. Além disso, durante o conto, os anjos agem de forma estranha, às vezes fria, com Paiva.

A maneira em que o texto é narrado é violenta. Apesar de o texto ser em terceira pessoa, acompanha-se o ponto de vista de Paiva, o qual não está ciente da situação e do perigo no qual está se envolvendo. A narrativa alcança seu ápice com a afirmação: “desde que sua mulher morreria, aquela era a primeira vez em que se sentia plenamente feliz” (FONSECA, 2004, p. 27). Finalmente Paiva encontra a felicidade, o preenchimento que estava procurando para sua vida. Contudo, na sentença seguinte, o leitor descobre a verdadeira faceta dos anjos das marquises.

O leitor fica, como Paiva: “surpreso, assustado, [...] nem conseguiu reagir” (FONSECA, 2004, p. 27). Isso acontece pois há uma revelação com a mudança abrupta de foco narrativo, fazendo com que o leitor engula, garganta a baixo, uma reviravolta surpreendentemente violenta. Assim como a injeção aplicada, essa revelação do enredo é aplicada ao leitor de forma rápida, sem anestesia. O foco passa, então, para o ponto de vista dos anjos, mostrando a frieza com que tratam suas vítimas. Paiva é morto, sendo tratado como objeto – “o que dá pra aproveitar deste aqui?” (FONSECA, 2004, p. 28). O corpo, assunto tão presente nas narrativas de Fonseca, aparece aqui como violado, não se respeitando sequer sua “sacralidade”, como diria Fábio Messa (2008, p. 122).

Pode-se depreender que a visão dos anjos das marquises em relação às pessoas em situação de rua é a de que elas são destituídas de humanidade, sendo caracterizadas pelas tipificações discutidas anteriormente. Sendo assim, tais ideias “justificam” a violência com que as tratam, matando-as para roubar seus órgãos. Os anjos lançam mão do “discurso higienista”:

Sempre que nos referimos a essas pessoas, é comum automaticamente ocorrer a associação com a difundida figura de um indivíduo sujo, maltrapilho e aparência sórdida. Nesse caso, estamos utilizando o “discurso higienista” que rotula e propaga o estigma do morador de rua sempre associado à sujeira que deve ser jogada para “debaixo do tapete”. (MATTOS; FERREIRA, 2004, p. 50)

Paiva, por sua vez, após o vazio deixado por sua mulher, deixa de lado seu egoísmo, e passa a ver “o infortúnio dos outros” (FONSECA, 2004, p. 22), sensibilizando-se com a situação dos moradores de rua, e passa, então, a querer ajudá-los. Relacionando esta atitude de Paiva com o foco narrativo adotado, pode-se dizer que Rubem Fonseca queria trazer a situação dos indivíduos em situação de rua para reflexão, mostrando ao final, mesmo que de forma exacerbada, uma violência constante na vida destas pessoas.

O confronto entre o ponto de vista de Paiva e dos Anjos das Marqueses, representados através de suas atitudes (compadecimento e aniquilação, respectivamente), problematizam a questão dos indivíduos em situação de rua e promove uma reflexão acerca disto.

No decorrer da análise, pôde-se perceber como os dois contos de Rubem Fonseca, apesar de tratarem de temáticas diferentes e de maneiras distintas, abordam a questão da violência contra o indivíduo marginalizado. Em ambos os textos, práticas violentas são empregadas contra idosos e moradores de rua, sustentando-se em representações sociais vigentes na sociedade brasileira contemporânea como forma de “justificação” de tais atos. Não só estes indivíduos marginalizados sofrem na pele uma violência física e/ou degradante, como também aqueles que simpatizam e propõem-se em ajudá-los. Todavia, o texto se destaca, principalmente, por trazer à tona o ponto de vista das personagens marginalizadas, promovendo um embate de ideias e fomentando, assim, uma reflexão acerca destes temas. Nas palavras de Dalla Palma

Dar o poder do discurso às personagens desvela o estilo arrojado de crítica aos sistemas preestabelecidos e apresenta a “verdade literária”: a violência que preside às lutas diárias pela sobrevivência. O resultado é a representação da marginalização das pessoas, devido a um sistema social elitista e preconceituoso. (DALLA PALMA, 2011, p. 199)

Jéssica Beatriz
de Almeida

Moacir Dalla
Palma

292

Por último, cabe ressaltar que a violência presente na obra de Rubem Fonseca não está somente ligada às ações praticadas ou sofridas por suas personagens. Ela está, também, em sua forma de narrar. Além da linguagem direta, do uso de palavras e recursos narrativos surpreendentes, o autor, por escolher determinado ponto de vista, exerce uma certa violência contra seus leitores. Segundo Figueiredo (2003, p. 36) “a violência, na ficção de Rubem Fonseca, está ligada, então, ao próprio recorte que a linguagem faz da realidade, que é sempre arbitrário, imposto a partir de um determinado ponto de vista”.

Rubem Fonseca, portanto, ao escolher o ponto de vista dos indivíduos marginalizados para o seu narrador, força seus leitores a colocarem-se no lugar do outro, e a enxergarem por meio de uma perspectiva diferente. Tal mudança de posicionamento é violenta, pois leva o leitor a refletir sobre estas questões de violência social que são, por um lado, tão presentes em nosso dia-a-dia, e, assim mesmo, tão distantes.

5. Considerações finais

Visto a onipresença da violência na vida cotidiana do cidadão brasileiro, tomou-se como interessante analisar a maneira pela qual ela é representada na literatura brasileira contemporânea. Após explicar todas as potencialidades de desautomatização da percepção e singularização da linguagem presentes no fazer literário, escolheu-se analisar dois contos de Rubem Fonseca, o qual é um dos maiores expoentes do chamado “realismo feroz”, tendo em seu repertório obras altamente violentas. Os contos escolhidos, “Onze de Maio” e “Anjos das Marquises”, trazem questões referentes aos indivíduos marginalizados na sociedade, idosos e moradores de rua, respectivamente, os quais sofrem, muitas das vezes, devido a representações sociais negativas a seu respeito.

A epígrafe deste texto justifica-se pelo fato de haver, na sociedade, discursos contrários que censuram obras violentas, por transgredir a “moral e os bons costumes”. Pontua-se aqui que a obra literária tem a capacidade de humanizar o ser humano, representando, de forma singular, elementos do dia-a-dia do leitor, como a violência, a qual está, de certa forma, naturalizada na sociedade, não causando, muitas das vezes, comoção ou reflexão por si só. A literatura, nesse sentido, ajuda a promover uma reflexão sobre este assunto. Nas palavras de Candido (2002, p. 85), a literatura “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

Portanto, pode-se dizer que Rubem Fonseca está longe de ser um autor panfletário, contudo, pelo simples fato de trazer para seu texto as vozes daqueles indivíduos marginalizados, os quais sofrem diversos tipos de violência diária, ele está propondo uma reflexão sobre estes assuntos, permitindo, assim, que o leitor humanize seu olhar em relação ao outro e esta atitude constitui-se, por fim, em uma resposta à violência.

*A violência
social em
contos de
Rubem
Fonseca*

293

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. F. de; COUTINHO, M. da P. de L; CARVALHO, V. A. M. de L. e. Representações Sociais da Velhice entre Idosos que Participam de Grupos de Convivência. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2005, 25 (1), 118-131. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6156289> >. Acesso em: 1 de agosto de 2018.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CANDIDO, A. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades, 34. ed., 2002, p. 77-92.

DADOUN, R. **A Violência**: ensaio acerca do “homo violens”. Traduzido por Pilar Ferreira de Carvalho e Carmen de Carvalho Ferreira. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DALCASTAGNÈ, R. Apresentação. In: ____ (Org.). **Ver e Imaginar o Outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008. P. 7-10.

DALLA PALMA, M. Discurso literário: linguagem intrinsecamente diferenciada ou texto institucionalmente determinado? **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. 2007, vol. 9. P. 69-76.

____. Vigiar e Punir em “Onze de Maio” de Rubem Fonseca. In: SOUZA, A. O. (Org.). **Passagens da Jornada**: momentos importantes das Jornadas de Estudos Franceses de Maringá. São Paulo: Arte & Ciência, 2011.

FIGUEIREDO, V. L. F. de. **Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FONSECA, R. **O Cobrador**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Jéssica Beatriz
de Almeida

_____. **A Confraria dos Espadas**. 1. ed. 5. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Moacir Dalla
Palma

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. Traduzido por Martha Conceição Gambini. 2. ed. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

294

LEENHARDT, J. O que se pode dizer da violência? Prefácio. In: LINS, R. L. **Violência e Literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. P. 13-17.

LINS, R. L. **Violência e Literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MATTOS, R. M; FERREIRA, R. F. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**. 16 (2): 47-58. maio/ago. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a07v16n2> >. Acesso em: 1 de agosto de 2018.

MESSA, F. **O gozo estético do crime: dicção homicida na ficção contemporânea**. Tubarão: Ed. Unisul, 2008.

PELLEGRINI, T. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. In: DALCASTAGNÈ, R. (Org.). **Ver e Imaginar o Outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

PENSADOR, G. O. **Resto do Mundo**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1993. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=5d9V0_EkGJw >. Acesso em: 1 de agosto de 2018.

SCHOLLHAMMER, K. E. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, R. (Org.). **Ver e Imaginar o Outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

VIDAL, A. J. **Roteiro para um Narrador**: Uma Leitura dos Contos de Rubem Fonseca. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

*A violência
social em
contos de
Rubem
Fonseca*

295

